

LUIS ZUECO

O MERCADOR  
DE LIVROS

Tradução de  
Carla Ribeiro

alma  
dos  
livros

*Hoje em dia, os livros encontram-se rodeados de poderosos inimigos,  
que procuram encurralá-los e, ao mesmo tempo, extrair deles toda a sua alma;  
mas desconhecem a sua imensa capacidade de resiliência.  
Chegou o momento de nos erguermos, de nos rebelarmos.  
E não existe melhor defesa dos livros do que a sua leitura.  
Leiam, leiam! Sejam rebeldes!*

*A Pedro Luis, Ángela e Manolo.*

## *Prefácio*

Houve um tempo em que os livros alteraram o rumo da história; uma época em que se descobriam novos mundos, se formavam enormes impérios e a razão abria caminho ante os mais sagrados dogmas.

Muitos temiam então as palavras, pensavam que os livros eram perigosos, podiam alterar a mente das pessoas, provocar a queda de religiões e de reinos.

Se os livros mudaram a história uma vez, porque não hão de ser capazes de o fazer de novo?

Existe um extenso desacordo sobre que marco concreto trouxe o fim da Idade Média. Para alguns, foi a descoberta da América por Cristóvão Colombo no dia 12 de outubro de 1492. Outros julgam ter sido a tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453, data esta que tem uma singularidade de que muitos se esquecem: coincidir com a invenção da imprensa por Gutenberg.

Temos tendência para delimitar as etapas históricas por conflitos militares e políticos. Mas a realidade é que ao Medievo sucede o Renascimento, e se há algo que caracteriza este período é o ressurgir da cultura, das ideias, da tecnologia, dos descobrimentos e do humanismo. E tudo isso só foi possível com a imprensa.

Este romance passa-se no início do século XVI, quando a imprensa mudou o mundo para sempre e tornou finalmente os livros acessíveis a grande parte da população.

Os livros já não se escondem em escuros mosteiros, são sim comercializados nos centros das cidades. Os nobres e os burgueses constroem as suas bibliotecas. Voltam a ser publicadas obras clássicas e põe-se em funcionamento um mundo editorial muito mais parecido com o atual do que podemos imaginar.

Verificam-se verdadeiros sucessos de vendas, géneros de moda como os romances de cavalaria, publicações por fascículos; e surge o jornalismo, com os relatos de acontecimentos.

O acesso aos livros e a difusão do seu conteúdo mudam o planeta e desencadeiam novas mentalidades que levarão ao descobrimento da América, ao surgir de movimentos no seio da Igreja cristã, ao aparecimento de alguns dos mais célebres artistas da história e à realização de feitos inigualáveis, como a volta ao mundo.

É uma época tão maravilhosa, tão repleta de personalidades e feitos que alguns deles permanecem ainda esquecidos pelo grande público. Como que, nos primeiros anos do século XVI, muitas das viagens à América procuravam, na verdade, a melhor forma de chegar às Ilhas das Especiarias, na Indonésia. Ou que os banqueiros e as finanças tinham tanta ou mais influência política do que hoje. Ou que desponta o conceito de biblioteca moderna e é construída em Espanha a maior biblioteca que o mundo alguma vez vira, destinada a armazenar todos os livros e panfletos que se imprimiam na Europa.

No século XVI, Sevilha era a cidade mais próspera do Ocidente. Ao seu porto chegavam as riquezas da América e era nas suas ruas que se decidia o futuro da Europa. Entre as suas muralhas, foi criada a primeira biblioteca moderna, o primeiro centro do saber ocidental, e isto sob o comando do filho do descobridor da América, Fernando Colombo, que, ao longo da vida, reuniu esta biblioteca de quase vinte mil títulos. Um quarto deles encontra-se atualmente depositado na Biblioteca Colombina, aos pés da Giralda, mas muitos outros perderam-se ou foram espalhados pelo mundo inteiro. Esta biblioteca foi a primeira tentativa de reunir todo o saber universal, classificando-o e tornando-o acessível para ser utilizado na hora de governar um império.

A Idade Média não terminou com o cerco a um castelo, nem com uma carga de cavalaria ou uma viagem aos confins do mundo. O Medievo acabou no dia em que um homem humilde, um comerciante ou um artesão, pôde ir a uma livraria na sua cidade e regressar a casa, sentar-se junto à lareira e ler na sua língua um livro como a *Ilíada* de Homero.

*PRIMEIRA PARTE*

O SACRO IMPÉRIO ROMANO

# Capítulo Um

## O LOURO

*Os livros têm o seu orgulho;  
quando se emprestam, não voltam nunca.*

THEODOR FONTANE

*Junho de 1516, Augsburg*

O mundo renasceu das cinzas. Deixámos um período obscuro, de mil anos de penumbra, ignorância e submissão. A nova era recuperará a grandeza esquecida. Os homens voltarão a ser heróis, a decidir o seu destino.

Ainda pequena, Úrsula ouvira estas palavras; fascinavam-na, mesmo demorando a entender o significado. A mãe insistira em que aprendesse a ler. Apesar de haver quem pensasse que isso era só coisa de homens, uma mulher devia ser instruída. Explicara-lhe que, quando era pequena, não havia livros, pois as obras impressas tinham apenas algumas dezenas de anos. A Úrsula, custava-lhe imaginar um mundo sem livros.

Antes, copiavam-nos à mão no interior dos mosteiros. Eram tão caros que só os reis e os grandes nobres podiam pagá-los. Por isso chamavam àqueles tempos antigos a idade das trevas, pois não tinham, como agora, a luz dos livros.

A sua mãe era uma mulher bonita, ainda jovem, de cabelos lisos e arruivados e um pescoço fino que lhe estilizava a figura. Chamava-se Eleonor e não era alemã, mas sim francesa. Úrsula sabia que o reino de França era um dos maiores e mais poderosos da Europa; agradava-lhe ser meio francesa.

Eleonor insistia em que as pessoas não são de onde nascem, mas sim de onde são amadas. E ela era feliz em Augsburgo, onde conhecera o esposo, Federico Müller, um fidalgo com negócios em minas e gado, e onde constituía família, um lar, numa casa junto à catedral. Úrsula era filha única e queria moldá-la ao seu gosto. Aos treze anos, oferecera-lhe um anel de ouro, um presente que emocionou de tal modo a pequena Úrsula que ela jamais o tirava. A mãe explicara-lhe que uma dama devia exibir as suas jóias: já era mulher e merecia começar a ter os seus próprios tesouros.

Nessa tarde, tinham ido ambas visitar uma tia do pai que estava doente. Ao regressarem, depararam com um inesperado tumulto na praça, apesar de não ser dia de mercado.

– Não acredito! – A mãe de Úrsula pôs a expressão que ela tão bem conhecia e que não pressagiava nada de bom.

– O que se passa, mãe?

– É outra vez aquele maldito jogo. – E suspirou.

Alguns anos antes, tinha-se popularizado um jogo de bola por equipas, sobretudo entre os mais jovens, mas também entre homens adultos, que o aproveitavam para fazer todo o tipo de apostas. Ainda assim, não era habitual ver tanta gente reunida para um jogo. Havia um bom motivo: os adversários. Defrontavam-se as equipas dos filhos das duas famílias mais ricas de Augsburgo: os Fugger e os Welser.

A equipa Welser era comandada por Bartholomäus, o filho mais velho, que tinha o mesmo nome do pai e era conhecido pela sua ambição, e de quem todos esperavam que continuasse e ampliasse os negócios da família. Bartholomäus era um dos rapazes mais altos e corpulentos da cidade. Junto dele estavam os irmãos mais novos, Lucas e Ulrich. Os Welser diziam ser descendentes do general bizantino Belisário, célebre militar da história, que recuperou grande parte do Império Romano do Ocidente das garras dos invasores bárbaros.

Os rivais eram, em todos os aspetos, os Fugger. Competiam com eles pelo título de família mais rica não só de Augsburgo, mas do Sacro Império Romano-Germânico.

No último ano, ninguém conseguira derrotar os irmãos Welser. O jogo gozava de grande popularidade, apesar de, uma década antes, um príncipe, Filipe de Habsburgo, marido de Joana de Castela, ter morrido após participar num desafio.

Os adversários posicionaram-se. Úrsula observou, impressionada, a corpulência de Bartholomäus. Serviram primeiro os Fugger; o primeiro ponto foi muito disputado, como se fosse o final da partida em vez do início. Finalmente, Anton Fugger bateu com toda a força para se adiantar no marcador, ante o assombro dos presentes.

Tratou-se de uma mera miragem. Os pontos seguintes foram para Bartholomäus Welser, que impunha o seu físico e dotava as jogadas de uma potência imparável. Os Welser obtinham ponto atrás de ponto, quase sem concorrência, pois os dois irmãos Fugger, apesar de rápidos e de devolverem muitas bolas, não batiam bem.

Foi então que o terceiro jogador da equipa Fugger atirou a bola com a mão esquerda, surpreendendo e marcando. Os três pontos seguintes caíram também do lado Fugger, lançados pelo mesmo jovem, menos contundentes do que os de Bartholomäus Welser, mas munidos de grande destreza.

– Mãe, quem é aquele rapaz que joga tão bem?

– Não sei, mas não é um Fugger, isso te garanto.

– É o filho do cozinheiro dos Fugger! – gritaram do meio do público.

– Ouvistes, mãe?

– Sim, filha, hoje em dia permitem que qualquer um se misture connosco; que vergonha!

Úrsula não desviava os olhos dos movimentos do rapaz.

Chamava-se Thomas Babel e era canhoto. Por mais que os pais o obrigassem a utilizar a mão direita, tinha o instinto de se desenrascar com a esquerda. Usava a direita para tudo, escrever, comer e bater na bola, mas mantinha a destreza de nascença e, naquele jogo, não podia deixar de a utilizar. Talvez por isso fosse um jogador tão valioso, pois podia atingir com ambas as mãos aquela bola de couro.

O jogo empatou, em grande medida porque os irmãos Fugger também contribuíram. Apesar de pequenos, eram tenazes e não davam um ponto por perdido; salvavam bolas para que Thomas marcasse a maioria dos pontos. Na outra equipa, Bartholomäus era apoiado pelos irmãos, que batiam com uma violência inusitada, ainda que fossem menos hábeis e precisos do que ele, e praguejavam quando os Fugger devolviam os projéteis.

No desenlace, a partida ficou empatada; no ponto decisivo, Anton, o mais jovem dos Fugger, escorregou e, quando a bola ia a perder-se, o



seu irmão Raymund chegou de forma milagrosa, rodou pelo chão e devolveu-a numa exibição de destreza. Bartholomäus Welser viu-se surpreendido por esta reação e foi a duras penas que acertou na bola. Thomas aproveitou e desferiu o golpe definitivo que fez com que a equipa dos Fugger se sagra-se campeã.

A gritaria foi ensurdecadora, pois nem só os jovens de Augsburg assistiam ao jogo; gente de todas as idades e condições reunira-se ali, atraída pela competição, pela emoção da partida, incluindo os ilustres pais dos adversários.

A equipa dos Fugger recebeu como prémio uma coroa de louro dourada, ao jeito do troféu que era entregue aos vencedores na Grécia Antiga. Os irmãos conversaram e decidiram oferecê-la ao companheiro, Thomas, por ter sido o principal artífice da vitória.

O público aplaudiu o gesto; o que ninguém esperava era que Thomas se dirigisse à multidão, abrisse caminho até chegar a uma jovem e lhe oferecesse a coroa.

Úrsula aceitou-a, ruborizada, ante a estupefação da mãe, que a agarrou pelo braço e a afastou do público.

- Dá-me isso imediatamente! Em que pensava aquele descarado?
- Não, mãe. É um presente... – E escondeu-a atrás das costas.
- Já te ordenei que ma dê! Não volto a repetir.

A jovem suspirou, resignada, mas, antes de a entregar, arrancou uma folha de louro e guardou-a.

## *Capítulo Dois*

### A CEIA

**T**homas Babel perdera a mãe aos seis anos, num parto prematuro. Nem ela nem a menina que dera à luz sobreviveram. A única lembrança que guardava era uma medalha da Virgem que ela trazia sempre consigo. Os avós e os tios tinham morrido muito antes de ele nascer, em consequência de uma epidemia de peste que assolara a região, pelo que o pai era a sua única família.

Desde pequeno que o pai lhe lia histórias todas as noites. Numa liturgia íntima, sentado à beira da cama, passava as páginas de exemplares que pedia emprestados. O tempo parecia passar mais devagar e as histórias faziam-no viajar para outros reinos e outras épocas.

Marcus Babel era oriundo de Augsburg e muito querido na cidade; trabalhava como cozinheiro para a influente família Fugger, banqueiros abastados com negócios por toda a cristandade. Jakob Fugger era o chefe da família; dizia-se que emprestava dinheiro a príncipes e reis e que tinha mais influência na eleição do papa do que os cardeais de Roma.

A amizade de Marcus com Jakob Fugger proporcionou a Thomas um presente inesperado. O cozinheiro fez valer a sua boa relação para pedir ao banqueiro que Thomas fosse educado com os seus dois sobrinhos, Raymund e Anton. Jakob não tinha filhos e os irmãos haviam morrido, pelo que estava encarregado deles. Afinal, eram os únicos herdeiros da família. O primeiro era três anos mais velho do que Thomas e o segundo um ano mais novo. Sempre tinham brincado os três nos jardins da enorme residência dos Fugger, pelo que foi uma alegria para os jovens poderem ter aulas juntos.

Só com o passar dos anos é que Thomas compreenderia a importância dessas lições diárias a que o pai o obrigava a assistir. Assim descobriu o latim, que rapidamente dominou; não era, contudo, tão hábil com a matemática, apesar de se esforçar o máximo possível.

Tinham como mestre Klopp, um monge cujo cabelo escasso e esbranquiçado contrastava com uma longa e frondosa barba. Era um homem esbelto, de estatura notável, ainda que os anos lhe pesassem tanto que andava curvado; parecia carregar um rochedo às costas. No entanto, quando se apoiava no bastão, mostrava um porte imponente.

– Thomas! Já te pedi mil vezes que prestasses mais atenção. A leitura exige concentração, não basta repetir as palavras escritas em voz alta.

– Eu tento, mas as palavras fogem-me da cabeça, não consigo que fiquem cá dentro.

– Santo Deus! A paciência que o Senhor me deu contigo! Tens de compreender o que lêes, não entendes? – disse ele, enquanto os irmãos Fugger não paravam de rir.

– Leio perfeitamente, mestre.

– Mas não captas o significado das frases – repreendeu Klopp, com toda a indulgência de que era capaz. – Vais demasiado depressa, assim não podes compreender o que lêes.

– Posso, sim.

– É impossível, ninguém pode ler e entender o que lê tão depressa. De que te serve correr tanto?

– Não consigo evitar – defendeu-se Thomas.

– Nas bibliotecas dos mosteiros, têm monges a copiar manuscritos sem parar, muitos nem sabem ler. Preferem assim, para não perderem tempo a tentar compreender o que só devem copiar. É justamente o contrário do que tens de fazer!

No texto seguinte, Thomas fez o mesmo; leu-o tão rápido que teve tempo de olhar de soslaio para os Fugger. Os irmãos eram quase iguais, só se diferenciavam pelos quatro dedos a mais de altura de Raymund. Vestiam-se de forma similar, com o cabelo comprido e penteado para os lados. Tinham olhos escuros e eram baixos, como o tio Jakob. Anton era o mais esperto e destacava-se naquilo em que Thomas falhava, principalmente nos números e nas contas. De todos os ensinamentos do irmão Klopp, o que mais fascinava Thomas eram as curiosidades

sobre a história de Roma e da Grécia que lhes contava nas aulas de latim e grego.

Para apresentar o projeto da criação de uma série de asilos na cidade, organizou-se, numa noite em setembro, um esplêndido banquete no palácio dos Fugger, ao qual assistiu a fina flor de Augsburgo: o governador, comerciantes ricos, nobres, artistas e parte do capítulo da cidade. As influências dos Fugger chegavam ao imperador Maximiliano I. Além disso, eram mecenas das artes e tinham na altura em sua casa um conhecido pintor, Albrecht Dürer, de cujos quadros diziam maravilhas.

Fora Jakob Fugger, *o Velho*, quem lançara as bases dos negócios da família. O sucessor, Jakob, *o Novo*, soubera impulsioná-los e diversificá-los, convertendo-se em poucos anos no banqueiro e comerciante mais rico e conhecido do Sacro Império, conseguindo o monopólio do mercado do cobre na Europa. Entre os seus clientes bancários contavam-se a alta nobreza, as casas reais europeias e a Igreja Católica. Jakob Fugger custeava guerras e a coroação de reis, conseguindo assim que os negócios crescessem depressa e exercendo, através do financiamento, uma influência política notável.

Thomas ajudara o pai com a ementa da celebração. A residência Fugger estava rodeada por uma muralha com duas guaritas, de onde algumas peças de artilharia apontavam para o acesso principal. Certa vez, Anton Fugger contara a Thomas que o edifício fora construído no tempo de Carlos Magno, quando a cristandade era uma só. Das paredes do palácio pendiam tapeçarias e obras de arte em grande formato que exibiam cenas da Antiguidade, com deuses, ninfas e heróis que fascinavam Thomas. Aquelas imagens contrastavam com as que via na igreja; eram mais vivas e sugestivas. As personagens tinham a maior parte do corpo à mostra. Retratavam sangrentas batalhas, animais terríveis, seres estranhos... Como se pertencessem a outro mundo, mais apaixonante do que o que ele conhecia.

Em celebrações como aquela, Thomas gostava de assistir à chegada dos convidados a partir de uma salinha envidraçada situada atrás do vestíbulo e na qual ninguém reparava. Os jovens Fugger tinham-lha mostrado há muito. Durante a receção, aproveitavam para lhe lançar olhares e fazer gestos brincalhões para que Thomas se desatasse a rir.

E então viu-a chegar.

Chamava-se Úrsula e dedicara-lhe a vitória no campo de jogo. Pensou que só uma jovem tão bela como ela merecia a sua coroa de louro dourado. Thomas conhecia-a desde sempre, de quando era apenas uma menina engraçada e irrequieta que trepava às árvores, algo que horrorizava a mãe. Agora, aos quinze anos, transformara-se numa beldade. Já não corria; movia-se com delicadeza e segurança, como que suspensa sobre os pequenos pés.

A partir do esconderijo, viu, para surpresa sua, que Anton Fugger se dirigia a ela. Fez-lhe ferver o sangue. Considerava-o amigo, mas não sentiu outra coisa que não uns ciúmes incontroláveis, e mais ainda por não poder sair dali para falar com ela. Quando estava prestes a perder a calma, viu que Anton a acompanhava ao local onde ele se encontrava. Disfarçadamente, o amigo disse algo ao ouvido da jovem. Para surpresa de Thomas, Úrsula dirigiu-se sozinha à salinha envidraçada.

A jovem rodou suavemente a maçaneta da porta, deixando-a entreaberta. Virou-se, olhando para a receção da festa, mas encostada às dobradiças, pois não podia desaparecer da vista dos pais.

– Estás aí? – perguntou ela.

Thomas viu como Anton Fugger lhe fazia gestos ao longe enquanto Úrsula aguardava uma resposta.

– O Anton disse-me que tinhas algo importante para me contar – insistiu ela.

A situação era estranha, separados por uma porta entreaberta, a conversar de costas.

– Porque me deste a coroa de louro?

– Porque o louro só merece ser usado por uma mulher tão bela e especial como tu – respondeu com determinação.

Úrsula corou.

– Uma vez, li sobre os deuses gregos – continuou Thomas. – Sabes que tinham um deus para o amor, Eros?

– Isso não é muito cristão.

– Deixa-me prosseguir, mesmo assim. Eros chateou-se com outro deus, Apolo, devido à sua arrogância, e decidiu vingar-se. Para tal, disparou contra ele uma flecha de ouro, que causava a quem ferisse um amor imediato.

– Continua, estou a ouvir.

– Depois, feriu a ninfa Dafne com uma flecha de chumbo, que tinha o efeito contrário, a rejeição amorosa. Assim, quando Apolo viu Dafne, sentiu-se apaixonado. Mas Dafne, que sofria o efeito oposto, fugiu dele até que, esgotada, pediu ajuda à sua deusa protetora, Ártemis, que a transformou num loureiro.

– Bem, que dramáticos esses deuses gregos. – Úrsula sorriu. – O que aconteceu depois?

– Apolo alcançou Dafne no preciso momento em que se iniciou a sua transformação: o corpo cobriu-se de uma casca dura, os pés transformaram-se em raízes que se cravavam no solo e o cabelo encheu-se de folhas.

– Que triste...

Nunca ouvira ninguém falar daquela forma. Ficou encantada com a história, com o que a fazia sentir.

– De facto – prosseguiu Thomas –, Apolo abraçou-se à árvore e desatou a chorar. E disse: «Já que não podes ser minha mulher, serás a minha árvore preferida, e as tuas folhas, sempre verdes, coroarão a cabeça das gentes em sinal de vitória...»

Os jovens ficaram alguns segundos em silêncio, a pensar na história.

– Úrsula! – A mãe apareceu de repente e agarrou-a pelo braço, enquanto sussurrava: – Que fazes aqui sozinha? O que vão as pessoas pensar? Vamos, rapariga, esta festa é a tua grande oportunidade. Todos os filhos casadoiros das famílias ricas de Augsburg estão aqui esta noite, por isso aproveita essa cara tão bonita que te dei, que o que tens dentro da cabeça é culpa do teu pai.

– Tendes razão, mãe, pode ser que o meu futuro marido esteja muito perto – concordou em voz alta.

– Claro, filha! Oxalá possas interessar a algum.

– Acho que sim, e está mais perto do que podeis imaginar.

– Oxalá, Deus santo! Que assim seja. – Eleonor ia empurrando a filha para o centro da sala, ajeitando-lhe o cabelo e os laços do vestido. – Não sabes o quanto rezei para que encontres um bom partido, filha. Que te vejam bem, porque és linda.

Thomas observava-a através do vidro; então, ela virou a cabeça e fitou-o, levou a mão ao pescoço e mostrou-lhe disfarçadamente uma

corrente de ouro. Dela pendia uma folha, a folha de louro dourado que arrancara à coroa que Thomas lhe oferecera. O coração de Thomas suspirou, ferido de amor e de alegria pelas flechas de Eros, enquanto regressava à cozinha.

A azáfama era extraordinária; a pessoa que mais trabalhou naquele dia foi o pai de Thomas, que preparou um autêntico festim. Marcus Babel queria presentear os convidados com os seus melhores pratos, pelo que recorreu a vários ajudantes que se encarregaram das sobremesas e outros guisados; até Thomas deu uma mão. Assim, o cozinheiro teria tempo para preparar os pratos principais, as carnes de caça, com o seu ingrediente secreto, uma das mais caras e longínquas especiarias com que os Fugger negociavam, a noz-moscada.

Guardava-a num cofre de bronze fechado à chave. Desde pequeno que Thomas se sentia fascinado pela exótica especiaria.

– Deves ter cuidado, filho. A noz-moscada vale o seu peso em ouro. Só se produz numa parte do mundo e fica muito longe da nossa terra.

Marcus utilizava uma pequena balança para medir com precisão cada onça de noz-moscada.

– Onde, pai?

– Nas Ilhas das Especiarias, um lugar distante onde crescem também o cravinho e outras especiarias valiosas. Mas a noz-moscada, só a encontra ali.

Quando ouvia aquelas histórias, Thomas deixava voar a imaginação e sonhava viajar até às ilhas e descobrir ele mesmo esses produtos tão extraordinários.

– Tem um revestimento chamado *macis*, que é também uma especiaria, como a semente. Seca, separa-se do resto do fruto. Assim, a noz-moscada é o único fruto que dá duas especiarias. Até os óleos extraídos do seu tronco são utilizados na cozinha.

Thomas ficava ensimesmado com aquele universo.

– E onde ficam as Ilhas das Especiarias?

– Demasiado longe, Thomas, no outro lado do mundo. É preciso atravessar França e Espanha e chegar ao reino de Portugal. Embarcar para sul, até à Guiné, contornar África e seguir até à Índia; depois, continuar a navegar para leste, sempre para leste, deixando para trás a

grande China, até Cipango, de onde há que descer e descer até ao último lugar do oceano. É aí que ficam as Ilhas das Especiarias. O lugar mais fragrante e delicioso do mundo.

– E quem traz as especiarias de tão longe?

– Os portugueses, as especiarias são o seu tesouro. Os Fugger compram-lhas para as comercializarem e ganham muito dinheiro com elas. Meu filho, as especiarias têm o poder de transformar o simples ato de comer no maior dos prazeres, de converter algo tão rotineiro como a comida num luxo ao alcance de poucos.

– Já lá estivestes, pai?

– Quem me dera...

– E conheceis alguém que tenha viajado até às Ilhas das Especiarias? – insistiu Thomas.

– Acho que nenhum alemão esteve nessas terras.

– Serei o primeiro!

– Claro que sim. – Com os dedos da mão, despenteou os espessos cabelos do rapaz. – Também poderás viajar para o Novo Mundo, Thomas, pois em breve teremos novas especiarias daí.

– O Novo Mundo... E onde fica isso?

– Foi descoberto pelos espanhóis, a poente, e Dom Jakob Fugger referiu-me que tem interesse nele e conseguiu uma autorização para abrir um posto comercial e assim negociar novas especiarias.

Enquanto conversava com Thomas, Marcus ia controlando a cozinha e viu que um dos ajudantes contratados para o banquete manuseava uma excelente carne de vaca que ele mesmo preparara.

– Que fazes? Esse prato já está pronto, vais estragá-lo!

– Perdão – disse o ajudante, cabisbaixo, um homem pequeno mas corpulento. – Disseram-me para passar a carne...

– Quem te deu semelhante ordem? – Marcus continuava irritado.

– Nesta cozinha, só eu dou as ordens; o que se prepara aqui, absolutamente tudo, é responsabilidade minha, entendido?

– Eu... Lamento, não voltará a acontecer... – desculpou-se o homem.

– Desaparece-me da vista, limpa aquelas panelas e não voltes a tocar na minha comida.



– Claro, como ordenardes – assentiu ele, obediente.

– O pior de preparar um banquete destes é isto, é preciso trazer muitos ajudantes e falta-lhes experiência – lamentou-se Marcus enquanto examinava o resto das carnes.

Quando começaram a servir as sobremesas, Thomas saiu da cozinha, ainda a pensar na história das Ilhas das Especiarias.

Queria viajar até lá, conhecer o último canto do mundo, aquele onde cresciam os mais maravilhosos produtos que Deus criara. Levaria Úrsula às ilhas e, juntos, viveriam das especiarias. Seria o paraíso.

No banquete, as deliciosas iguarias de Marcus iam-se sucedendo com grande júbilo por parte dos comensais. Os Fugger aproveitaram para anunciar uma notícia que os apanhou de surpresa. O papa Leão X tinha-os encarregado da venda de indulgências para financiar a finalização da Basílica de São Pedro em Roma; nela trabalhavam os maiores mestres, entre os quais o célebre Leonardo da Vinci.

A revelação provocou um murmúrio prolongado. Úrsula entendeu que era uma boa notícia, ainda que se ouvissem também alguns comentários negativos, relacionados com a monstruosidade dessa construção e o modo como o templo original fora destruído sem contemplações.

Houve até quem criticasse o papa por negociar indulgências, assegurando que nada trariam de bom, como se veria, a seu tempo.

Outros comentavam que, com o negócio das indulgências, os Fugger receberiam tantos fundos que poderiam continuar a comprar bens e rendas em Augsburg e que em breve toda a cidade lhes pertenceria.

Serviram as sobremesas, de variedade e gosto sublimes, que encantaram os convidados. A música soou mais forte e os risos também aumentaram de volume, regados com bom vinho da Saxónia.

Por essa altura, Thomas passeava pelo jardim; teria gostado de se juntar à refeição, mas era impossível, pois não passava do filho do cozinheiro. O jovem aceitava isso. Estava orgulhoso do pai e convencido de que as especiarias convertiam a comida num prazer.

Fez-se um silêncio absoluto no banquete. Thomas agradeceu a tranquilidade; às vezes, aquelas ceias transformavam-se em festas demasiado ruidosas, e ele não gostava da agitação. O barulho dos mercados e das

ruas da cidade fazia-lhe dores de cabeça. Todavia, tanto silêncio não era normal e ficou alarmado. Pelo que entrou novamente na cozinha e encontrou-a vazia, o que era ainda mais estranho.

Dirigiu-se à sala envidraçada e então assistiu a algo que mudaria a sua vida para sempre.

A festa parara. A maioria dos convidados estava de pé, alguns a chorar e outros com expressões de enfado e indignação. Alguns apontavam para um dos extremos do salão. Formou-se um grande alvoroço, enquanto, pela porta principal, chegavam apressados vários homens armados.

No chão, preso por vários homens, encontrava-se o seu pai.

Os soldados agarraram Marcus pelos braços e ergueram-no brusca-mente. Thomas não sabia o que fazer, enquanto via, com estupefação e angústia, como arrastavam o pai em direção à saída.

Voltou à cozinha e regressou ao jardim, para tornear o edifício e postar-se atrás de uma esquina de onde podia ver a entrada principal. Nesse preciso momento, atiraram o pai ao chão de terra, ante o olhar dos Fugger, dos Welser, do governador da cidade e de mais meia dúzia de fidalgos.

Jakob Fugger tentava aplacar Bartholomäus Welser filho, bem como os seus irmãos Lucas e Ulrich, que proferiam insultos e ameaças contra ele e o seu cozinheiro.

Thomas tentou imaginar o que poderia ter acontecido ao pai, tão ocupado com os pratos do banquete e a lidar com os desajeitados ajudantes, desde que saíra da cozinha até àquele momento, mas não conseguia entender.

Nesse instante, começou a chover.

Ouviu um estalido atrás de si e cerrou os punhos enquanto se virava.

– Thomas – disse uma voz conhecida –, graças a Deus que és tu.

– Úrsula!

– Sshhh, não podem descobrir-nos...

– O que se passa? Porque está ali o meu pai? O que...

– Sshhh... – Tapou-lhe a boca com as mãos. – Cala-te e ouve, está bem?

Thomas assentiu com a cabeça.

– Corres perigo. O teu pai foi acusado de tentar assassinar os Welser. Thomas não acreditava no que ouvia.

– O patriarca dos Welser sentiu-se indisposto no final do banquete, e um médico que se encontrava entre os convidados determinou que, pelos sintomas, foi envenenado – disse Úrsula, antes de afastar as mãos.

– Mas isso não é possível... Acusam o meu pai?

– Deram a carne do prato de Welser a um cão e, mal ele a provou, teve os mesmos sintomas. Foram diretos à cozinha e um ajudante disse-lhes que o teu pai tinha um cofre com veneno e que só ele condimentava as carnes.

– Não! São especiarias, não são venenos. Porque havia o meu pai de envenenar o senhor Welser? Com que motivo? Ele é inocente!

– Eu sei, é de certeza uma armadilha. Mas, dado que o acusaram, pouco podes fazer. Não tens ideia do poder dos Welser, tal como os Fugger, poderiam escolher o próximo imperador, ou o papa de Roma, por isso imagina o que farão a um simples cozinheiro...

Nesse momento, ouviu-se um grito e olharam ambos para o tumulto. Um dos convidados trazia uma grande corda na mão. Agarrou Marcus pelo cabelo e ergueu a corda para que todos a vissem. Dois dos homens armados seguraram o seu pai pelos braços, enquanto o primeiro tipo passava a corda pelo ramo de uma das árvores à entrada do palácio.

Iam enforcar o seu pai. Ergueram-no entre os dois soldados. Por alguns instantes, seguraram-no.

Bartholomäus Welser filho deu a ordem.

– Soltai-o! Que seja enforcado! Que morra!

– Naaão... – Thomas não pôde dizer mais nada; Úrsula tapou-lhe novamente a boca e caíram juntos ao chão.

Por mais que o rapaz tentasse soltar-se, Úrsula não o deixou.